

INVISÍVEL E VULNERÁVEL, MAS RESILIENTE: UM RETRATO DA IMPRENSA REGIONAL CENTENÁRIA EM PORTUGAL

Liliana Carona

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto, Instituto Politécnico da Guarda, Guarda, Portugal
Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, recursos, supervisão, validação, visualização, redação do rascunho original

Rita Basílio de Simões

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal/Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Concetualização, análise formal, metodologia, supervisão, validação, visualização, redação – revisão e edição

RESUMO

Num contexto de profunda crise no setor mediático e de crescente desertificação informativa em vastas regiões de Portugal, este estudo propõe um mapeamento da imprensa regional centenária enquanto expressão resiliente do jornalismo de proximidade. Através de uma metodologia mista — combinando análise documental e levantamento quantitativo — foram identificadas e analisadas 40 publicações com mais de 100 anos de existência, ainda em atividade no território nacional. O estudo examina a sua distribuição geográfica, periodicidade, formato (papel e/ou digital) e composição das direções editoriais em termos de género. Os resultados apontam para uma forte ancoragem territorial destas publicações e assimetrias regionais significativas e revelam padrões preocupantes, como a frágil transição digital, a reduzida diversidade de género nas chefias num quadro de segregação vertical e a persistente vulnerabilidade económica. Apesar dessas limitações, estes jornais continuam a desempenhar um papel relevante na preservação da memória coletiva, na coesão social e no fortalecimento da democracia local. Além disso, oferecem pistas importantes sobre práticas de resistência e adaptação que desafiam o declínio do jornalismo de proximidade. O estudo propõe, por fim, uma reflexão sobre o valor público desta imprensa e a urgência de políticas que a reconheçam como património informativo e bem comum, fundamental para garantir o direito à informação em regiões periféricas e sub-representadas.

PALAVRAS-CHAVE

jornalismo regional, jornalismo de proximidade, imprensa centenária, desigualdade de género, democracia

INVISIBLE AND VULNERABLE, YET RESILIENT: A PORTRAIT OF CENTENARY REGIONAL PRESS IN PORTUGAL

ABSTRACT

In a context of deep crisis in the media sector and growing news deserts across vast regions of Portugal, this study maps the centenary regional press as a resilient expression of proximity journalism. Using a mixed-methods approach — combining documentary analysis and a quantitative survey — 40 publications over 100 years old and still active nationwide were identified and analysed. The study examines their geographical distribution, periodicity, medium (print and/or digital) and editorial board composition in terms of gender. The results indicate a strong

territorial anchoring of these publications and significant regional asymmetries, revealing concerning patterns, such as a fragile digital transition, limited gender diversity in leadership within a framework of vertical segregation, and persistent economic vulnerability. Despite these limitations, these newspapers continue to play a relevant role in preserving collective memory, fostering social cohesion and strengthening local democracy. Moreover, they offer essential insights into practices of resistance and adaptation that challenge the decline of proximity journalism. Finally, the study reflects on the public value of this press and the urgency of policies recognising it as informational heritage and a common good, essential to guaranteeing the right to information in peripheral and under-represented regions.

KEYWORDS

regional journalism, proximity journalism, centenary press, gender inequality, democracy

1. INTRODUÇÃO

No contexto da investigação sobre o jornalismo no atual ecossistema digital — marcado por transformações profundas nas práticas profissionais, nos valores noticiosos e nos modelos de negócio (Boczkowski, 2010; Deuze, 2012; McChesney, 2013) —, a imprensa regional permanece largamente negligenciada, apesar da sua importância democrática, particularmente nos ambientes de informação política local (Nielsen, 2015).

Em Portugal, onde as dinâmicas de mudança também afetam processos, valores e estruturas económicas do setor (Garcia, 2020), assistimos à emergência dos chamados “desertos de notícias” (Abernathy, 2018), territórios nos quais a cobertura jornalística local é inexistente, irregular ou excessivamente dependente de fontes externas. Apesar disso, a relevância histórica e social da imprensa regional tem sido raramente reconhecida e pouco investigada, em especial no que toca ao papel que desempenha nas comunidades em que se insere. As poucas exceções (e.g., Camponez, 2002; Correia, Carvalheiro, et al., 2011; Correia, Morais, Carvalheiro, & Sousa, 2011; Correia, Morais, & Sousa, 2011; Jerónimo, 2012, 2015; Jerónimo, Ramos, & Torre, 2022) evidenciam a premência de refletir sobre os modos de produção, circulação, receção e consumo da imprensa regional e as respetivas implicações para os territórios em que se insere.

Do ponto de vista normativo, o jornalismo regional pressupõe uma relação estreita com as comunidades locais, assentando na construção de uma ligação contínua de proximidade e identificação com a realidade social envolvente. Trata-se de um jornalismo orientado para o indivíduo enquanto membro ativo e enraizado numa comunidade específica, cujas dinâmicas, hábitos, preocupações e modos de vida são geralmente reconhecidos, acompanhados e refletidos na produção noticiosa (Carona & Simões, 2025). Neste enquadramento, o conceito de “jornalismo de proximidade”, trabalhado, por exemplo, por Camponez (2002), destaca-se por sublinhar o papel central dos média na promoção da cidadania, abrangendo tanto os meios locais como os regionais, e reforçando a sua função enquanto instâncias de mediação social e cultural no espaço público.

Já o conceito de “jornalismo regional”, que aqui adotamos, tem a delimitação geográfica como ponto de partida (López García, 1995), mas a natureza da relação

entre os média e as comunidades, os seus principais agentes e instituições, não tem necessariamente de ser desconsiderada, nem o seu papel na coesão territorial. Trata-se, além disso, de uma expressão que traduz com maior clareza um setor mediático específico, cuja atividade parece sofrer com maior intensidade os efeitos da crise que assola a totalidade do ecossistema (Anderson et al., 2015; Powers et al., 2015), com implicações problemáticas para os públicos.

O jornalismo regional sempre enfrentou fragilidades estruturais, tais como a escassez de recursos financeiros, a reduzida dimensão das redações, a limitada tiragem de jornais e uma cobertura jornalística muitas vezes condicionada por interesses ideológicos ou doutrinários, sobretudo em meios de menor dimensão populacional (Amaral, 2012; Camponez, 2002; Peruzzo, 2005; Rego, 1969; Torre et al., 2023). Em particular, a atividade desenvolvida pelos jornais regionais centenários tem sido marcada por uma sustentabilidade frágil, uma limitada capacidade de renovação e uma contínua desvalorização por parte dos atores económicos locais, que resistem em apoiá-los (Carona & Simões, 2025).

A imprensa regional assume, no entanto, um papel crucial como foco de resistência ao avanço dos desertos de notícias, que dificultam o acesso das populações a informação contextualizada e de proximidade, agravando as desigualdades no exercício do direito à informação e enfraquecendo o escrutínio democrático e a participação cívica (Nielsen, 2015).

Partindo do pressuposto de que garantir o direito à informação e combater os desertos de notícias implica assegurar a preservação do jornalismo regional, lançamos, neste artigo, o olhar à imprensa regional centenária, que tem sido amplamente invisibilizada na investigação académica, tal como, em geral, acontece com o jornalismo regional. O propósito do estudo é mapear os principais atributos dos jornais regionais centenários em circulação, oferecendo, ao mesmo tempo, uma leitura das estratégias de resistência e de adaptação que têm utilizado, a fim de identificar lições de superação que possam orientar o jornalismo profissional no atual contexto de crise.

Recorrendo a uma metodologia mista, que combina análise documental e levantamento quantitativo, caracterizamos a imprensa regional centenária em atividade em 2022, considerando a sua periodicidade, distribuição geográfica, suporte e composição editorial. Paralelamente, perscrutamos nesses atributos pistas para a compreensão das condições que sustentam a sua longevidade.

Os resultados evidenciam que a imprensa regional centenária representa um património vivo, cuja preservação interessa não apenas ao jornalismo, mas à sociedade como um todo. Repensar o seu lugar no presente — e no futuro — é um passo essencial para fortalecer o direito à informação, o pluralismo e a democracia em contexto local.

2. JORNALISMO REGIONAL: FUNDAMENTOS, ESPECIFICIDADES E DESAFIOS NO ECOSISTEMA DIGITAL

O jornalismo regional ocupa um lugar singular no campo mediático, sendo simultaneamente um espaço de mediação informativa e de construção da identidade coletiva

em territórios específicos. A sua definição e caracterização têm sido objeto de diversas abordagens. João Carlos Correia (1998), ao refletir sobre o papel da imprensa regional no espaço público, destaca algumas das suas características estruturantes: a forte presença dos leitores nas publicações, a marca da polémica e do debate nos espaços de opinião — frequentemente influenciados pelas elites locais —, a colaboração entre público e jornalistas, a repetição temática e uma resistência marcada à fusão entre jornalismo e publicidade. Na mesma linha, Camponez (2002) sublinha que a imprensa nacional tende a generalizar o seu público num território mais vasto, enquanto o jornalismo regional se ancora numa lógica de especificidade territorial e comunitária.

Trata-se, portanto, de uma prática informativa orientada para temas socialmente relevantes no plano geográfico local ou regional, desempenhando um papel fundamental na preservação do património cultural, na responsabilidade administrativa e na coesão territorial, sobretudo em regiões sensíveis do ponto de vista político e cultural (Singh et al., 2023), e é nessa medida que a ela nos referiremos.

A delimitação do que se entende por “jornalismo regional” tem sido, em todo o caso, objeto de discussão conceptual. Jerónimo (2015) propõe uma definição operativa que inclui todas as publicações periódicas de informação geral que dedicam, de forma regular, a maioria dos seus conteúdos a factos de natureza cultural, social, económica, religiosa, política ou desportiva, respeitantes a comunidades específicas e a territórios com, no mínimo, a dimensão de um distrito. Esta definição abrange ainda critérios de suporte (papel e/ou digital) e de independência editorial relativamente a poderes políticos locais.

O regional, assim entendido, pode ultrapassar os limites administrativos dos concelhos e mesmo dos distritos, incorporando uma dinâmica mais ampla de identificação coletiva e operando com meios relativamente mais estruturados — seja no número de profissionais envolvidos, na dimensão da tiragem ou na presença em plataformas audiovisuais regionais.

Desvinculado de uma delimitação geográfica específica, o conceito de “jornalismo de proximidade” remete, diferentemente, sobretudo para a ligação afetiva, simbólica e cultural entre o meio de comunicação e o seu público. Considerada como “um valor distintivo da imprensa regional em relação à imprensa de âmbito nacional” (Correia, Moraes, & Sousa, 2011, p. 25), a proximidade traduz-se na capacidade de refletir as preocupações, identidades e dinâmicas sociais das comunidades envolventes independentemente da localização espacial.

No contexto digital contemporâneo, essa lógica de proximidade adquiriu novas camadas de significado, passando a constituir-se como um valor comunicacional que opera simultaneamente à escala local e global (Ramos, 2025). O vínculo entre público e meio não depende apenas da geografia, mas da relevância percebida, do envolvimento cultural e da pertença simbólica, que podem ser ativados tanto por um jornal local como por plataformas digitais inseridas em redes transnacionais. A proximidade, neste sentido, torna-se um critério editorial estratégico para mediações significativas num ecossistema informativo fragmentado e hipermediado. Os hábitos de consumo e o modo de vida dos leitores privilegiam o investimento emocional nos objetos técnicos (Martins & Garcia, 2016), em detrimento do papel, o que pode favorecer o negócio.

Paradoxalmente, a digitalização fez emergir desafios acrescidos à sustentabilidade do jornalismo regional, sobretudo devido às dificuldades de adaptação, embora sejam reconhecidas evoluções significativas desde que, em 1998, surgiu o Setúbal na Rede, o primeiro jornal regional exclusivamente digital (Jerónimo, 2012).

A digitalização afetou a atividade jornalística, fomentando não apenas a proliferação de redações convergentes, mas, também, de novas alianças entre o jornalismo e a publicidade como estratégia de viabilidade empresarial (Garcia, 2020). Todavia, a comunidade jornalística parece convergir na perceção de que permanece por consolidar um modelo de negócio capaz de responder às transformações profundas que afetam as receitas publicitárias, historicamente centrais para a sustentabilidade da imprensa (Anderson et al., 2015). Embora em determinados contextos o ambiente digital se revele um aliado estratégico, abrindo possibilidades de diversificação de públicos e de expansão de conteúdos, a realidade portuguesa demonstra que a transição digital tem sido marcada por fortes constrangimentos (Jerónimo, 2012).

O predomínio de estruturas empresariais de escala reduzida, com periclitante capacidade de investimento e fraca rentabilidade, limita a inovação tecnológica e compromete a adoção de estratégias sustentáveis. Assim, a imprensa regional mantém como traço distintivo a dificuldade em ultrapassar um quadro estrutural de fragilidade económica, que se reflete na sua presença digital incipiente e na dependência de modelos de financiamento tradicionais pouco ajustados à lógica contemporânea dos ecossistemas mediáticos (Negreira-Rey et al., 2022).

Paralelamente, a digitalização agudizou tendências de “descompetencialização” (Quintanilha, 2021) e as disparidades de género (Silveirinha & Simões, 2016; Simões, 2021), pressionando, ao mesmo tempo, a perda de centralidade e a desvalorização dos média tradicionais como “fontes de informação no seu território” (Negreira-Rey et al., 2022, p. 153).

3. O JORNALISMO REGIONAL E A PRESERVAÇÃO DOS VALORES DEMOCRÁTICOS

O jornalismo regional desempenha um papel normativo essencial na preservação dos valores democráticos, ao aproximar a informação das comunidades locais e ao funcionar como mediador entre cidadãos e instituições. Permitindo que os cidadãos se envolvam com as instituições locais, responsabilizando-as pelas suas decisões, o jornalismo regional constitui uma pedra angular da democracia (Pickard, 2020).

Igualmente reconhecida é a capacidade de o jornalismo regional promover a deliberação pública, reforçar a coesão comunitária e sustentar a cidadania participativa (Correia, Morais, Carvalheiro, & Sousa, 2011). O estudo *Agenda do Cidadão* (Correia, Carvalheiro, et al., 2011), realizado junto de nove jornais regionais portugueses, demonstrou que jornalistas e diretores reconhecem a necessidade de construir uma agenda mais plural, centrada nos cidadãos como fontes e protagonistas das notícias. Trata-se de práticas que se aproximam da lógica do jornalismo deliberativo, distinto do modelo canónico, ao privilegiar o debate público e incentivar a participação cidadã nos processos

de decisão coletiva. Neste quadro, a mobilização da comunidade para participar em fóruns públicos tem sido considerada benéfica, não apenas por reforçar o papel social dos jornais, mas também por fomentar uma ética jornalística orientada para o serviço público e para a proximidade.

Num contexto marcado pela fragmentação informativa, pela crise dos modelos de negócio e pela ascensão de discursos populistas, a realidade quotidiana da imprensa regional está, em todo o caso, longe de ser homogénea ou idealizada. A cobertura mediática continua a revelar padrões de hierarquização que privilegiam a política institucional, em especial o poder autárquico, o que denuncia uma forte influência das elites locais na definição da agenda noticiosa (Carvalho et al., 2014; Correia, Morais, & Sousa, 2011). Este panorama suscita preocupações com a independência editorial, particularmente em cenários de dependência financeira e comprometimento político.

Subsistem os condicionalismos da imprensa regional, herdados de uma forte dependência económica das autarquias, Estado e, também, Igreja (Leite, 2010; Subtil, 2009), evidenciando a persistência de estruturas editoriais com orientação doutrinária ou religiosa.

A pandemia da COVID-19 veio reforçar, por um lado, a importância dos média regionais nas comunidades mais periféricas, mas, por outro, expôs as fragilidades estruturais do setor. A quebra nas vendas de jornais em suporte impresso, intensificada por receios infundados de contágio durante a pandemia, acentuou a crise de sustentabilidade já instalada no setor. Este contexto de vulnerabilidade obrigou a repensar os modelos tradicionais de financiamento, abrindo espaço para experiências alternativas assentes em lógicas de apoio comunitário e associativo. Tais iniciativas, conforme argumentam Greenslade e Barnett (2014), contribuem para reforçar a conceção da imprensa regional não apenas como produto mercantil, mas como um bem público, dotado de valor democrático e social intrínseco.

A necessidade de apoiar financeiramente o jornalismo regional tem encontrado na ideia do fortalecimento democrático uma importante justificação. A reduzida composição das redações em certas regiões leva a uma escassa e deficiente cobertura das questões locais (O'Neill & Smith, 2018), empobrecendo a participação no processo político. Diferentemente, quando as comunidades apoiam o jornalismo regional, estão a garantir que irão tomar decisões informadas (Ayoob, 2024). Particularmente em contextos onde as redações regionais são insuficientes, o impacto da sobre-exposição mediática de figuras de extrema-direita, como André Ventura, é significativo, e contribui para polarizar o debate político (Pinhal, 2025).

Do jornalismo regional espera-se também o compromisso com a promoção da igualdade de género, tanto ao nível dos conteúdos noticiosos como na própria estrutura de produção informativa. Persistem, no entanto, assimetrias significativas que comprometem esse objetivo. O *Global Media Monitoring Project* (Simões et al., 2021), por exemplo, continua a evidenciar a sub-representação das mulheres nos média noticiosos portugueses, o que limita a diversidade de perspetivas e reforça narrativas hegemónicas, que tendem a invisibilizar as experiências e os contributos das mulheres. Os estudos centrados

na realidade portuguesa (Lobo et al., 2017; Silveirinha & Simões, 2016; Silveirinha et al., 2023; Simões et al., 2021), ao confirmarem a existência de barreiras estruturais no acesso a cargos de decisão, apontam para a necessidade de investigar mais profundamente a composição das redações da imprensa regional — uma dimensão frequentemente negligenciada nas agendas da investigação.

4. RESILIÊNCIA DOS JORNAIS CENTENÁRIOS NUM CONTEXTO DE “DESERTOS DE NOTÍCIAS”

A imprensa centenária constitui um património de inegável valor histórico, cultural e democrático, que contrasta com a escassez de estudos dedicados especificamente à sua realidade. Em Portugal, com exceção dos trabalhos conduzidos a partir de uma perspetiva histórica (Costa, 2020; Freitas, 2021; Pinho, 2021; Soares, 2017; Vaquinhas, 2005), pouco se sabe sobre as formas de adaptação desta imprensa, que resiste à crise estrutural do jornalismo e desafia as lógicas tradicionais das dinâmicas da comunicação pública (Lene, 2020).

O que se conhece razoavelmente são os fatores estruturais que afetam o jornalismo regional em geral e a imprensa centenária em particular. Um desses fatores, os chamados “desertos de notícias” — regiões sem cobertura jornalística local regular —, tem vindo a prosperar. Em 2021, havia, em Portugal, 61 concelhos sem jornais e rádios de informação neles sediados, sendo as regiões de Trás-os-Montes e do Alentejo as mais afetadas (Ramos, 2021). À exceção do litoral, a escassez ou ausência de meios noticiosos caracterizava, à data, o território português (Ramos, 2021).

Em 2022, mais de metade dos concelhos portugueses (53,9%) estavam ou em situação de deserto informativo ou em risco de vir a tornar-se num (Jerónimo, Ramos, & Torre, 2022), especialmente em resultado das dificuldades que estes média enfrentam para garantir a sustentabilidade da sua lógica operativa (Cardoso & Baldi, 2020). Em abril de 2021, o jornal *João Semana*, publicado há 107 anos, no concelho de Ovar, foi suspenso por tempo indeterminado devido a complicações de ordem financeira.

A expressão “news desert”, cunhada nos Estados Unidos, remete para comunidades com acesso limitado a notícias fiáveis e abrangentes (Abernathy, 2018, 2020). Frequentemente marcados pelo envelhecimento populacional e pela baixa densidade demográfica, estes territórios veem-se, adicionalmente, privados de um dos principais mecanismos de escrutínio democrático e participação cívica, comprometendo-se o direito à informação e o envolvimento ativo dos cidadãos nos processos de decisão locais. A ausência de jornalismo regional nestes territórios fragiliza a coesão social e favorece a proliferação da desinformação, abrindo espaço a dinâmicas populistas e ao alheamento das realidades políticas e sociais locais. Daí a previsão de mecanismos dirigidos para a proteção do património informativo regional e local, como acontece, em Portugal, no “Estatuto do Jornalismo Regional” (Decreto-Lei 106/88, 1988, art. 3).

A crise de distribuição, agravada pela redução dos pontos de venda — atualmente, menos de 7 mil, quando já foram quase 10 mil (“Presidente da Associação de Imprensa: É Urgente Resolver Problema da Distribuição de Jornais e Revistas”, 2022)

— compromete igualmente o acesso à imprensa, em especial nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, e favorece a tendência de redução da circulação paga. Entre 2008 e 2020, houve uma quebra superior a 64% na venda de jornais físicos em Portugal (Cardoso et al., 2020). Em 2022, três municípios não tinham sequer um ponto de venda de imprensa (Vimioso, Alcoutim e Marvão), e cerca de 66% das freguesias estavam nessa condição, afetando quase 2 milhões de habitantes (“Presidente da Associação de Imprensa: É Urgente Resolver Problema da Distribuição de Jornais e Revistas”, 2022).

Esta tendência de declínio tem sido acompanhada por uma diminuição consistente no número médio de tiragens registadas pela Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação. Segundo Cardoso et al. (2020), esta quebra está sobretudo associada à redução do número de exemplares efetivamente vendidos ou pagos, sendo que a maioria das publicações analisadas pelos autores apresenta sucessivas quedas no volume de circulação ao longo dos anos, refletindo dificuldades estruturais na sua capacidade de escoamento no mercado.

Outros fatores agravantes resultam dos impactos cumulativos da inflação, da pandemia da COVID-19 e do aumento exponencial dos custos com o papel, afetando de forma particularmente severa os jornais de menor dimensão (Rosa, 2022). Os custos operacionais de um jornal centenário evidenciam a dimensão do problema. O *Notícias de Gouveia*, por exemplo, enfrenta mensalmente cerca de 2.250€ apenas em despesas de impressão, sem contabilizar encargos adicionais com expedição e funcionamento editorial. Esta realidade torna urgente não só a reavaliação dos modelos de negócio e financiamento existentes, como também o desenvolvimento de novas estratégias para preservar o vínculo com o território (Quintanilha & Cardoso, 2019).

Num tempo em que o jornalismo regional, em especial o de tradição centenária, se torna simultaneamente um bem escasso e essencial à vitalidade democrática, torna-se urgente conhecê-lo em profundidade. Compreender as suas características, tais como vínculos territoriais e dinâmicas de funcionamento, permitirá lançar pistas sobre as condições que têm garantido a sua continuidade.

5. METODOLOGIA

A questão de investigação que orientou o estudo consistiu em saber que características distinguem os jornais regionais centenários que se mantinham em atividade em Portugal a 6 de outubro de 2022 e em que medida constituem expressões resilientes do jornalismo regional.

Para dar resposta a esta questão, recorreu-se a uma metodologia mista, que combinou um levantamento quantitativo, através do qual procedemos ao mapeamento das publicações ativas, com uma análise documental, que permitiu a identificação de características de relevo para o estudo. Sujeitámos a análise a um enquadramento interpretativo, orientado para a identificação de atributos estruturais e simbólicos que possam sustentar a longevidade destes títulos, tais como a sua inserção comunitária, o seu papel na preservação da memória local, a sua capacidade de adaptação tecnológica e a

relevância editorial no contexto territorial em que operam. Esta abordagem permitiu não apenas descrever os jornais identificados, mas também compreender as condições socio-culturais e organizacionais que contribuem para a sua persistência ao longo do tempo.

Para a realização do levantamento quantitativo, foram utilizadas como fontes principais a documentação arquivística publicada e disponibilizada pela Associação Portuguesa de Imprensa (API; 2017), bem como os dados fornecidos pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC; 2010, 2020, 2021), disponíveis na sua página oficial. Estes repositórios permitiram a identificação e validação dos títulos em atividade, com mais de 100 anos, bem como a recolha de elementos fundamentais sobre a sua existência legal e operacional.

Complementarmente, a análise documental foi adotada como método central para a exploração qualitativa dos dados. Tal como definida por Bowen (2009), trata-se de uma técnica que visa revisitar, de forma sistemática, documentos escritos, visuais ou eletrónicos, com o objetivo de extrair significado, identificar padrões recorrentes e construir categorias interpretativas. Este tipo de análise pode incluir diversas fontes, tais como conteúdos jornalísticos, discursos institucionais, narrativas históricas e arquivos. Neste caso, assumiram particular relevância os arquivos dos próprios jornais regionais centenários, as respetivas fichas técnicas e, uma vez mais, a documentação da API e da ERC, tendo esta última, nomeadamente, permitido aferir a presença ou ausência de mulheres em cargos de liderança nos jornais analisados.

O conhecimento acumulado através da transmissão de ideias, seja por via oral ou escrita, constitui uma base fundamental para interpretar as dinâmicas institucionais e culturais (Savioli et al., 1986). A análise de arquivos, em particular, permite “construir e interpretar padrões históricos utilizando fontes ricas e contextualizadas” (Ventresca & Mohr, 2002, p. 815). Essa leitura diacrónica e contextualizada favorece a identificação de elementos estruturantes, embora as suas limitações — como a escassez de dados, a incompletude documental e a possibilidade de viés de seleção — exijam uma postura reflexiva durante todo o processo. Tal como sublinha Bowen (2009), a análise documental exige um olhar crítico e atento às lacunas e fragilidades das fontes. No mesmo sentido, Cellard (1997/2008) sublinha a importância de aceitar o documento tal como se apresenta, ainda que incompleto, parcial ou impreciso, lembrando que, em muitos casos, é indispensável recorrer até às fontes documentais mais frágeis, pois são frequentemente as únicas capazes de lançar alguma luz sobre uma determinada situação.

As principais limitações deste estudo derivam justamente da escassez de dados sistematizados sobre as publicações analisadas, da ausência de arquivos digitalizados acessíveis e das inconsistências verificadas nos registos institucionais. A dinâmica volátil do setor, caracterizada por encerramentos, suspensões e reativações pontuais, constituiu igualmente um desafio à definição rigorosa do *corpus* de análise, exigindo constantes atualizações e validações cruzadas da informação recolhida.

No desenvolvimento do quadro analítico, foram definidas quatro categorias que dialogam com os problemas que acima enunciámos: o valor democrático da proximidade, a desertificação informativa, a transição digital e a diversidade de representações na

produção informativa. As categorias usadas foram a distribuição geográfica, a periodicidade de publicação, a natureza do suporte (papel ou digital) e a composição das direções a partir da lente de género. No que se segue, e após a apresentação do mapa geral das publicações centenárias, referir-nos-emos a cada uma delas.

6. RESULTADOS

6.1. MAPEAMENTO DA IMPRENSA REGIONAL CENTENÁRIA

No dia 6 de outubro de 2022, estavam ativas, em Portugal, 40 publicações regionais com mais de 100 anos de existência. Esta longevidade é, por si só, um indicador da resiliência destas entidades jornalísticas face a um ecossistema mediático em constante mutação. Os títulos identificados incluem, entre outros, o *Açoriano Oriental*, *O Setubalense*, *A Aurora do Lima*, *Diário dos Açores*, *Maria da Fonte*, *Correio do Ribatejo*, *Notícias da Covilhã*, *Diário do Minho*, *Correio dos Açores*, *O Ilhavense* e o *Correio de Azeméis*.

A Tabela 1 apresenta os principais dados relativos a estas publicações centenárias, considerando as quatro dimensões analíticas do estudo: a distribuição geográfica, a natureza do suporte (papel e/ou digital), a periodicidade de publicação e a composição das direções editoriais segundo o critério de género. Estes indicadores permitem traçar um retrato atual e sistematizado do setor, contribuindo para uma melhor compreensão dos desafios específicos que atravessam estas publicações no contexto da transição digital, da valorização da diversidade e da crescente desertificação informativa.

JORNAL	DATA DE FUNDAÇÃO	LOCALIDADE	DISTRITO	PERIODICIDADE	SUPORTE	COMPOSIÇÃO POR GÉNERO DAS DIREÇÕES
<i>Açoriano Oriental</i>	18/04/1835	Ponta Delgada — Açores	Açores	Diária	Papel/online	Direção masculina
<i>O Setubalense</i>	01/07/1855	Setúbal	Setúbal	Diária (dias úteis)	Papel/online	Direção masculina
<i>A Aurora do Lima</i>	15/12/1855	Viana do Castelo	Viana do Castelo	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>Diário dos Açores</i>	05/02/1870	Ponta Delgada — Açores	Açores	Diária	Papel/online	Direção masculina
<i>O Mensageiro do Coração de Jesus</i>	Abril de 1874	Braga	Braga	Mensal	Papel/online	Direção masculina
<i>Diário de Notícias da Madeira</i>	11/10/1876	Madeira	Madeira	Diária	Papel/online	Direção masculina
<i>O Penafidense</i>	01/01/1878	Penafiel	Porto	Quinzenal	Papel	Direção masculina
<i>Soberania do Povo</i>	01/01/1879	Águeda	Aveiro	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>A Voz do Operário</i>	11/10/1879	Lisboa	Lisboa	Mensal	Papel/online	Direção masculina
<i>Jornal de Santo Thyrsó</i>	11/05/1882	Santo Tirso	Porto	Quinzenal	Papel	Direção masculina

<i>O Jornal de Estarreja</i>	12/04/1883	Estarreja	Aveiro	Quinzenal	Papel	Direção feminina
<i>Jornal de Abrantes</i>	16/03/1884	Abrantes	Santarém	Mensal	Papel/online	Direção feminina
<i>O Comércio de Guimarães</i>	15/05/1884	Guimarães	Braga	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>Maria da Fonte</i>	03/01/1886	Braga	Braga	Quinzenal	Papel	Direção masculina
<i>Correio do Ribatejo</i>	09/04/1891	Santarém	Santarém	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>Correio da Feira</i>	11/04/1897	Santa Maria da Feira	Aveiro	Quinzenal	Papel/online	Direção masculina
<i>A Comarca de Arganil</i>	01/01/1901	Arganil	Coimbra	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>O Concelho de Estarreja</i>	10/10/1901	Estarreja	Aveiro	Mensal	Papel	Direção masculina
<i>Boletim Salesiano</i>	01/02/1902	Lisboa	Lisboa	Bimestral	Papel/online	Direção masculina
<i>A Guarda</i>	15/05/1904	Guarda	Guarda	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>Folha de Tondela</i>	18/02/1906	Tondela	Viseu	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>Cardeal Saraiva</i>	15/02/1910	Ponte de Lima	Viana do Castelo	Semanal	Papel/online	Direção masculina
<i>Jornal de Albergaria</i>	13/05/1911	Albergaria-a-Velha	Aveiro	Quinzenal	Papel/online	Direção masculina
<i>Notícias da Covilhã</i>	12/01/1913	Covilhã	Castelo Branco	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>A Ordem</i>	03/05/1913	Porto	Porto	Quinzenal	Papel	Direção masculina
<i>João Semana</i>	01/01/1914	Ovar	Aveiro	Quinzenal	Papel	Direção masculina
<i>Notícias de Gouveia</i>	12/02/1914	Gouveia	Guarda	Trimensal	Papel/online	Direção feminina
<i>Folha do Domingo</i>	19/07/1914	Faro	Faro	Quinzenal	Papel	Direção masculina
<i>A Crença</i>	19/12/1915	Vila Franca do Campo — Açores	Açores	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>O Amigo do Povo</i>	05/11/1916	Coimbra	Coimbra	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>O Despertar</i>	02/03/1917	Coimbra	Coimbra	Semanal	Papel/online	Direção feminina
<i>O Dever</i>	02/06/1917	Pico — Açores	Açores	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>O Almonda</i>	24/11/1918	Torres Novas	Santarém	Quinzenal	Papel/online	Direção feminina
<i>Diário do Minho</i>	15/04/1919	Braga	Braga	Diária	Papel/online	Direção masculina
<i>O Figueirense</i>	19/06/1919	Figueira da Foz	Coimbra	Mensal	Papel/online	Direção masculina
<i>Correio dos Açores</i>	01/05/1920	Ilha de São Miguel	Açores	Diária	Papel/online	Direção masculina
<i>Jornal da Beira</i>	09/01/1921	Viseu	Viseu	Semanal	Papel	Direção masculina

<i>O lhavense</i>	20/11/1921	Ílhavo	Aveiro	Quinzenal	Papel/online	Direção feminina
<i>Correio de Coimbra</i>	18/03/1922	Coimbra	Coimbra	Semanal	Papel	Direção masculina
<i>Correio de Azeméis</i>	05/10/1922	Oliveira de Azeméis	Aveiro	Semanal	Papel/online	Direção masculina

Tabela 1. Jornais regionais centenários

6.2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A investigação permitiu identificar e caracterizar 40 publicações regionais centenárias em atividade em Portugal até 6 de outubro de 2022 (ver Tabela 1). A análise da sua distribuição geográfica revela uma clara concentração no Norte e no Centro do país, confirmando padrões previamente assinalados pela literatura. O distrito de Aveiro destaca-se com o maior número de publicações centenárias (oito), seguido dos Açores e de Coimbra, com cinco títulos cada, e de Braga, com quatro. Em contraste, distritos como Beja, Bragança e Portalegre não apresentam qualquer jornal centenário identificado.

Esta concentração regional reflete tendências históricas de densidade informativa, já observadas por estudos anteriores, como o relatório da ERC de 2010 (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2010), que assinalava o litoral e o Norte do país como as zonas com maior densidade de publicações regionais. Segundo esses dados, em 2010, o distrito do Porto apresentava o maior número de títulos de imprensa local e regional (11,7% do total nacional, com 85 publicações), seguido de Aveiro (67 títulos; 9,2%) e dos distritos de Braga e Leiria (56 títulos cada; 7,7%). Em oposição, os distritos de Beja, Bragança e a Região Autónoma da Madeira registavam as proporções mais reduzidas, com apenas nove a 11 publicações cada, não ultrapassando os 1,5% do total nacional.

Estes resultados indicam que a presença da imprensa centenária está fortemente associada a zonas com maior densidade populacional, maior tradição editorial e, em muitos casos, com infraestruturas logísticas e técnicas mais consolidadas, o que pode ter contribuído para a sua sobrevivência ao longo do tempo.

6.3. PERIODICIDADE

Relativamente à periodicidade, observa-se uma predominância de publicações semanais entre os jornais regionais centenários identificados. Das 40 publicações ativas até outubro de 2022, 16 são editadas com periodicidade semanal, o que confirma a tradição deste formato como um dos mais estáveis na imprensa regional. Seguem-se 11 títulos com publicação quinzenal e seis com edição diária, sinalizando uma presença menos expressiva, mas ainda relevante, deste modelo mais intensivo. Registam-se ainda cinco publicações mensais, uma bimestral e uma com uma configuração particular de periodicidade trimensal — publicando três edições por mês, nos dias 10, 20 e 30.

A diversidade de formatos reflete não só estratégias editoriais adaptadas à capacidade operacional de cada título, mas também diferentes formas de articulação com os públicos-alvo e com as rotinas de produção jornalística em contextos locais. A frequência de

publicação constitui, assim, um indicador relevante para compreender o nível de intensidade informativa e o grau de envolvimento editorial de cada jornal com a sua comunidade.

6.4. NATUREZA DO SUPORTE

No que respeita ao suporte, verifica-se que a maioria das publicações centenárias em atividade adota um modelo híbrido. Das 40 identificadas, 24 estão disponíveis tanto em formato impresso como em plataformas digitais, enquanto 16 continuam a existir exclusivamente em papel. Contudo, a investigação revelou que algumas destas últimas mantêm, de facto, presença digital — através de redes sociais ou websites — sem que tal esteja oficialmente declarado à ERC. Este desfasamento entre a realidade editorial e os registos institucionais pode indicar limitações nos mecanismos formais de atualização ou mesmo uma adaptação informal ao ambiente digital.

A análise global permite concluir que mais de metade das publicações centenárias têm algum tipo de presença online, seja por meio de websites, redes sociais ou ambas. No entanto, a robustez dessa presença é bastante desigual: muitos destes jornais operam com infraestruturas digitais rudimentares, com espaços pouco atualizados e com conteúdos informativos disponibilizados de forma irregular. Este cenário sugere uma transição digital incompleta, marcada por limitações técnicas e por recursos humanos e financeiros reduzidos, o que compromete o pleno aproveitamento das potencialidades do ecossistema digital contemporâneo.

6.5. COMPOSIÇÃO DAS DIREÇÕES EM TERMOS DE GÉNERO

A análise da composição das direções editoriais das publicações regionais centenárias revela uma expressiva desigualdade de género. Das 40 publicações identificadas em atividade em 2022, apenas seis¹ têm mulheres como responsáveis máximas pela linha editorial, ou seja, o número de mulheres em funções de direção (seis em 40) traduz-se num valor que corresponde a menos de um sexto do total de direções e ilustra a acentuada desigualdade de género na liderança dos meios regionais. Esta sub-representação é ainda mais evidente se considerarmos que, embora haja mulheres a ocupar funções em cargos intermédios — como direção adjunta ou coordenação de editorias específicas —, estas somam apenas 10² casos, o que equivale a um quarto das publicações analisadas.

Este panorama confirma a persistência dos chamados “tetos de vidro” nas estruturas da imprensa regional centenária, refletindo um padrão de exclusão simbólica e institucional que persiste apesar dos avanços na paridade em contexto laboral verificados nas últimas décadas. O facto de a esmagadora maioria dos jornais regionais centenários ser dirigida por homens sugere a persistência de barreiras de género no acesso a cargos de liderança, cuja origem exigiria investigação adicional, apesar de já existirem

¹ O *Jornal de Estarreja*, *Jornal de Abrantes*, *Notícias de Gouveia*, *O Despertar*, *O Almonda* e o *Ilhavoense*.

² *Açoriano Oriental*, *Diário de Notícias da Madeira*, *Soberania do Povo*, *O Comércio de Guimarães*, *O Correio do Ribatejo*, *Folha de Tondela*, *A Ordem*, *Jornal de Albergaria*, *O Setubalense* e o *Diário do Minho*.

estudos referentes à imprensa regional que confirmam a visão mais pessimista das mulheres sobre as condições de trabalho e de progressão na carreira jornalística (Jerónimo, Ballesteros, et al., 2022).

7. DISCUSSÃO

A história dos jornais regionais centenários entrecruza-se com a evolução da sociedade portuguesa e, em particular, com as transformações sofridas pelo ecossistema mediático nas últimas décadas. De entre as 40 publicações regionais centenárias, 11³ são associadas da Associação de Imprensa de Inspiração Cristã, que se aliou à API, na iniciativa de lutar pelo reconhecimento da imprensa centenária portuguesa como património cultural imaterial da humanidade, ao apresentar em 2017, uma candidatura à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*Media: Parlamento Europeu Acolhe Exposição Sobre Títulos Centenários da Imprensa Portuguesa*, 2017). A ideia da API, que culminou numa exposição na Assembleia da República, iniciada a 5 de outubro de 2017 (Assembleia da República, 2018), reflete a perceção do valor histórico, simbólico e comunitário destas publicações, enquanto testemunhos vivos da história nacional e regional.

Os dados apurados nesta investigação confirmam a relevância e a singularidade da imprensa regional centenária no ecossistema mediático português. Apesar dos constrangimentos que ameaçam a sua continuidade e visibilidade, sobretudo num contexto de transformação digital e de desertificação informativa, a sua persistência convida a reconhecê-la como um agente ativo no processo de adaptação a novas formas de informar, envolver e representar comunidades. Por terem atravessado crises e transformações, os jornais regionais centenários podem oferecer lições de resistência, adaptação e enraizamento comunitário, que merecem ser compreendidas, estudadas e projetadas para o futuro.

A presença continuada de 40 publicações centenárias — em papel e, em parte, no digital —, particularmente em regiões que, historicamente, possuem uma maior densidade informativa (Entidade Reguladora para a Comunicação Social, 2010), revela uma resiliência notável perante os sucessivos desafios enfrentados ao longo das últimas décadas: de crises económicas a fenómenos de concentração da propriedade dos média, passando pela erosão do modelo de negócio baseado na publicidade local e por um contexto de pandemia. Contudo, essa sobrevivência não deve ser romantizada. A maioria destas publicações opera em condições de fragilidade estrutural, com recursos humanos escassos, infraestruturas técnicas limitadas e baixa capacidade de inovação digital (Carona & Simões, 2025).

A difícil transição para o digital também foi verificada. Em tempos de aceleração informativa e de consumo mediado por plataformas, a ausência de uma presença digital robusta pode significar o afastamento de novas gerações de leitores e o enfraquecimento da sua função social. A digitalização, porém, não pode ser encarada como um fim em si mesmo: a sua eficácia dependerá da existência de modelos sustentáveis de financiamento, da formação contínua das equipas e de estratégias que combinem memória histórica com inovação narrativa.

³ *A Aurora do Lima, Mensageiro do Coração de Jesus, Boletim Salesiano, A Guarda, Notícias da Covilhã, A Ordem, João Semana, Folha de Domingo, O Amigo do Povo, O Dever e O Almonda* (dados obtidos em 25 de novembro de 2022).

Por outro lado, mais do que pensar em salvar o papel impresso, o que está em causa é salvaguardar o valor público do jornalismo regional, num tempo em que os territórios periféricos perdem ainda mais centralidade nas dinâmicas noticiosas e em que a atenção se desloca para o global, quando também no local os valores democráticos estão ameaçados, em particular por força da desertificação informativa.

A redução da cobertura informativa de proximidade compromete o direito à informação das populações e amplia o fosso entre centro e periferia, entre o que é visível no espaço público mediático e o que permanece invisível. O jornalismo regional centenário, apesar das suas limitações, desempenha um papel normativo de mediação social, memória coletiva e reforço democrático. A discussão sobre o seu futuro exige, por isso, um olhar político e estratégico. É necessário reconhecer estas publicações não apenas como agentes económicos ou produtos culturais, mas como infraestruturas democráticas que precisam de ser apoiadas. Modelos híbridos de financiamento, políticas públicas de incentivo à leitura e à publicidade institucional, parcerias com universidades ou centros de investigação e redes colaborativas entre jornais regionais podem abrir novas possibilidades de reinvenção e de sustentabilidade.

A análise evidencia, ainda, um padrão preocupante de sub-representação de mulheres em cargos de direção editorial, que tem sido consistentemente identificado como um elemento central na perpetuação de representações desequilibradas no campo mediático (Djerf-Pierre, 2005; Lobo et al., 2017; North, 2009; Ross, 2014; Silveirinha, 2012; Silveirinha & Simões, 2016; Simões et al., 2021). Apesar de algumas melhorias pontuais, o jornalismo regional centenário continua a reproduzir desigualdades de género presentes no setor, limitando o pluralismo e a diversidade de olhares no processo de construção noticiosa.

O lugar histórico das mulheres no jornalismo português continua amplamente invisibilizado e pouco problematizado (Silveirinha, 2012). No caso dos jornais centenários, esta invisibilidade é ainda mais pronunciada: é escassa a documentação que permite construir a história das mulheres no jornalismo regional, permanecendo pouco explorado o processo de feminização destas redações (Carona & Simões, 2025). Neste sentido, a análise da composição das direções não é apenas um exercício estatístico, mas um contributo para o reconhecimento da imprensa regional enquanto espaço de disputa simbólica e política, no qual a igualdade de género deve ser pensada como dimensão essencial de uma comunicação democrática.

8. CONCLUSÃO

A análise da imprensa regional centenária em Portugal revela um setor simultaneamente invisibilizado e resiliente, que continua a desempenhar um papel fundamental na preservação da memória coletiva, na coesão territorial e no exercício de um jornalismo comprometido com as comunidades que serve. As 40 publicações identificadas, com mais de 100 anos de existência, representam um legado cultural e informativo único, enraizado em contextos frequentemente ausentes do espaço mediático nacional.

As características observadas nas publicações regionais centenárias — a sua distribuição concentrada em territórios com forte identidade local, a manutenção de formatos tradicionais combinados com tentativas de presença digital, bem como a sua persistência editorial apesar de profundas limitações estruturais — revelam uma notável capacidade de resiliência em contexto de crise. Estes jornais têm conseguido sobreviver a transformações tecnológicas, à erosão do modelo económico da imprensa, à desertificação noticiosa e às dificuldades de financiamento, mantendo-se como veículos de memória coletiva e como plataformas de ligação entre cidadãos e território. A continuidade destas publicações, geridas com recursos escassos e operando à margem dos grandes circuitos mediáticos, demonstra uma forte ancoragem comunitária e uma adaptabilidade silenciosa, ainda que nem sempre visível nos grandes indicadores de inovação ou sustentabilidade.

Neste sentido, os jornais centenários oferecem importantes lições aos restantes setores jornalísticos. Mostram que a proximidade, o compromisso com as comunidades e a persistência de uma missão pública clara podem constituir ativos tão relevantes quanto a inovação tecnológica ou a escala empresarial. Ensinam, também, que a sobrevivência da imprensa passa por redes de apoio locais e por um jornalismo que valorize a identidade e a memória, sem abdicar da sua função crítica. Em tempos de fragmentação e desconfiança nos média, estes títulos históricos reafirmam a importância do jornalismo como serviço à democracia e sugerem que a longevidade pode, ela própria, ser uma forma de resistência.

Já a expressiva disparidade de género nas direções dos jornais regionais centenários evidencia que, apesar da sua longevidade e importância histórica, estas estruturas permanecem marcadas por lógicas tradicionais de exclusão. Com apenas seis mulheres em cargos de direção editorial e 10 em funções administrativas de chefia, constata-se que os chamados “tetos de vidro” continuam a limitar o acesso das mulheres aos lugares de decisão, mesmo num setor em que a presença feminina no jornalismo, de forma geral, é cada vez mais significativa e qualificada. Este desequilíbrio é especialmente preocupante numa imprensa que se apresenta como próxima das comunidades e comprometida com valores democráticos, mas que, internamente, ainda reproduz desigualdades estruturais.

Para o jornalismo em geral, esta realidade funciona como um alerta e um ponto de reflexão. A ausência de representatividade feminina nas lideranças não compromete apenas a justiça interna das organizações, mas limita também a diversidade de olhares na produção noticiosa, empobrecendo o espaço público. A imprensa regional centenária ensina que resistir à erosão do tempo não é suficiente: é preciso também atualizar-se nos compromissos com a igualdade, a inclusão e a representatividade. O futuro do jornalismo passará, inevitavelmente, por equipas mais plurais, capazes de refletir a complexidade da sociedade que pretendem informar.

Ao oferecer um mapeamento atualizado e uma caracterização socioeconómica que permite compreender melhor o ecossistema da imprensa regional centenária, esta investigação contribui para mostrar que os jornais regionais centenários são mais do que uma memória impressa do passado: podem constituir-se como objetos privilegiados de estudo para pensar o futuro do jornalismo em contextos de proximidade. A investigação inscreve-se, ainda, no debate mais amplo sobre os desertos de notícias e a crise da informação local, alertando para os riscos de exclusão informativa em vastas regiões do país.

As suas principais limitações resultam da escassez de dados sistematizados sobre estas publicações, da ausência de arquivos digitalizados e das inconsistências nos registos

oficiais. A rápida evolução do setor, marcada por encerramentos e reativações, também impôs desafios à delimitação do *corpus* de análise.

Investigações futuras deverão, assim, aprofundar o conhecimento sobre estas publicações através de estudos de caso detalhados, análises comparativas com outras realidades nacionais e internacionais e investigações sobre a perceção que os leitores têm do seu valor social e democrático. Neste processo, mais do que olhar para estes jornais apenas como vestígios de um modelo em declínio, é necessário reconhecê-los como agentes ativos na reinvenção de formas de informar, envolver e representar comunidades num tempo de mudanças profundas.

AGRADECIMENTOS

Agradece-se a colaboração da Associação Portuguesa de Imprensa e da Entidade Reguladora para a Comunicação Social.

REFERÊNCIAS

- Abernathy, P. M. (2018). *The expanding news desert*. University of North Carolina Press/Center for Innovation and Sustainability in Local Media.
- Abernathy, P. M. (2020). *News deserts and ghost newspapers: Will local news survive?* University of North Carolina Press/Center for Innovation and Sustainability in Local Media.
- Amaral, V. (2012). *O papel do jornalismo público na revitalização da imprensa em Portugal: O caso da imprensa regional* [Tese de doutoramento, Universidade da Beira Interior]. Bibliorum. <http://hdl.handle.net/10400.6/3958>
- Anderson, C. W., Coleman, S., & Thumim, N. (2015). How news travels: A comparative study of local media ecosystems in Leeds (UK) and Philadelphia (US). In R. K. Nielsen (Ed.), *Local journalism: The decline of newspapers and the rise of digital media* (pp. 73–93). I.B. Tauris.
- Assembleia da República. (2018, 22 de janeiro). *Exposição “Publicações centenárias portuguesas”*. <https://www.parlamento.pt/Paginas/2018/fevereiro/Exposicao-Publicacoes-Centenarias-Portuguesas.aspx>
- Associação Portuguesa de Imprensa. (2017). *Publicações centenárias portuguesas: 100 anos de publicação contínua - 2017-2018 ano português da imprensa*. Lisgráfica.
- Ayoob, A. (2024). *The power of local journalism: Voice of the voiceless*. Chenab Times Foundation.
- Boczkowski, P. J. (2010). *News at work: Imitation in an age of information abundance*. University of Chicago Press.
- Bowen, G. A. (2009). Document analysis as a qualitative research method. *Qualitative Research Journal*, 9(2), 27–40. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>
- Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade*. Minerva Coimbra.
- Cardoso, G., & Baldi, V. (2020). *Impacto do coronavirus e da crise pandémica no sistema mediático português e global*. Obercom. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2020/05/COVID_impacto_update_FINAL.pdf
- Cardoso, G., Baldi, V., Quintanilha, T. L., & Paisana, M. (2020). *Barómetro imprensa: Barómetro API à situação do sector em contexto de crise pandémica (Inquérito I)*. OberCom.

- Carona, L., & Simões, R. B. (2025). Hegemonia masculina, miopia de género e “tetos de vidro”: Perceções de profissionais de jornais centenários sobre o processo de feminização da imprensa regional. *Observatorio (OBS*)*, 19(2), 59–75.
- Carvalho, J. R., Correia, J. C., & Canavilhas, J. (2014). Whose is the agenda? Contents, practices and values in Portuguese regional newspapers. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, 3(1), 97–117. https://doi.org/10.1386/ajms.3.1.97_1
- Cellard, A. (2008). A análise documental (A. C. Nasser, Trad.). In J. Poupart, J.-P. Deslauriers, L.-H. Groulx, A. Laperrière, R. Mayer, & A. Pires (Eds.), *A pesquisa qualitativa: Enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 251–271). Vozes. (Trabalho original publicado em 1997)
- Correia, J. C. (1998). *Jornalismo e espaço público*. Universidade da Beira Interior.
- Correia, J. C., Carvalho, J. R., Canavilhas, J. M., Morais, R. J. P., & Sousa, J. (2011). Public journalism and education for the media: Suggestions based on a research project into the Portuguese regional press. *Brazilian Journalism Research*, 7(1), 59–75. <https://doi.org/10.25200/BJR.v7n2.2011.352>
- Correia, J. C., Morais, R., Carvalho, J. R. & Sousa, J. (2011, 25–26 de março). *Observatórios de media, cidadania e educação para os meios: Sugestões baseadas numa pesquisa sobre imprensa regional* [Apresentação de comunicação]. 1º Congresso Nacional Literacia, Media e Cidadania, Braga, Portugal.
- Correia, J.C., Morais, R., & Sousa, J. (2011). Agenda dos cidadãos: Práticas cívicas na imprensa regional portuguesa. *Estudos em Comunicação*, (9), 1–30.
- Costa, A. (Ed.). (2020). *Setúbal no centro do mundo - 165 anos do jornal O Setubalense*. Primeira Hora - Editora e Comunicação.
- Decreto-Lei n.º 106/88, de 31 de março, Diário da República n.º 76/1988, Série I de 1988-03-31. (1988). <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/106-1988-286309>
- Deuze, M. (2012). *Media life*. Polity Press.
- Djerf-Pierre, M. (2005). Lonely at the top: Gendered media elites in Sweden. *Journalism*, 6(3), 265–290. <https://doi.org/10.1177/1464884905054061>
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (Ed.). (2010). *Imprensa local e regional em Portugal*. ERC.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (Ed.). (2020). *Relatório de regulação 2019*. ERC.
- Entidade Reguladora para a Comunicação Social. (Ed.). (2021). *Relatório de regulação 2020*. ERC.
- Freitas, P. (2021). *Maria da Fonte: 175 Anos (1846-2021). A realidade muito para além da Póvoa de Lanhoso*. Município da Póvoa de Lanhoso.
- Garcia, J. L. (Ed.). (2020). *O choque tecno-liberal, os media e o jornalismo: Estudos críticos sobre a realidade portuguesa*. Almedina/ERC.
- Greenslade, R., & Barnett, S. (2014). Can charity save the local press? *British Journalism Review*, 25(1), 62–67. <https://doi.org/10.1177/0956474814526519>
- Jerónimo, P. (2012). Origens e evolução do ciberjornalismo de proximidade em Portugal: O caso da imprensa regional. In J. C. Correia (Ed.), *Ágora – Jornalismo de proximidade: Limites, desafios e oportunidades* (pp. 81–86). LabCom Books.
- Jerónimo, P. (2015). *Ciberjornalismo de proximidade*. LabCom.IFP.
- Jerónimo, P., Ballesteros, C., Sá, S., & Morais, R. (2022). Jornalistas locais e condições laborais sob um olhar de género. *ex æquo*, (45), 157–175. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.11>

- Jerónimo, P., Ramos, G., & Torre, L. (2022). *Desertos de notícias Europa 2022: Relatório de Portugal*. LabCom; MediaTrust.Lab.
- Leite, A. (2010). *Da imprensa regional da igreja católica: Para uma análise sociológica* [Tese de doutoramento, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/2837>
- Lene, H. (2020). *Jornais centenários do Brasil*. LabCom.IFP.
- Lobo, P., Silveirinha, M. J., Torres da Silva, M., & Subtil, F. (2017). In journalism, we are all men. Material voices in the production of gender meanings. *Journalism Studies*, 18(9), 1148–1166. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1111161>
- López García, G. (1995). *Periodismo local: Modelos de comunicación en la proximidad*. Universitat de València.
- Martins, H., & Garcia, J. L. (2016). A hegemonia cibertecnológica em curso: Uma perspetiva crítica. In T. D. Martinho, J. T. Lopes, & J. L. Garcia (Eds.), *Cultura e digital em Portugal* (pp. 19–37). Edições Afrontamento.
- McChesney, R. W. (2013). *Digital disconnect: How capitalism is turning the internet against democracy*. The New Press.
- Media: Parlamento Europeu acolhe exposição sobre títulos centenários da imprensa portuguesa. (2017, 12 de julho). Ecclesia. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/media-parlamento-europeu-acolhe-exposicao-sobre-titulos-centenarios-da-imprensa-portuguesa/>
- Negreira-Rey, M. C., Amigo, L., & Jerónimo, P. (2022). Transformation of local journalism: Media landscapes and proximity to the public in Spain, France and Portugal. In J. Vázquez-Herrero, A. Silva-Rodríguez, M.-C. Negreira-Rey, C. Toural-Bran, & X. López-García (Eds.), *Total journalism: Models, techniques and challenges* (pp. 153–167). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-88028-6_12
- Nielsen, R. K. (2015). Local newspapers as keystone media: The increased importance of diminished newspapers for local political information environments. In R. K. Nielsen (Ed.), *Local journalism: The decline of newspapers and the rise of digital media* (pp. 51–72). I.B. Tauris.
- North, L. (2009). *The gendered newsroom: How journalists experience the changing world of media*. Hampton Press.
- O'Neill, B., & Smith, M. (2018). *Journalism in crisis: Bridging theory and practice for democratic media strategies in Canada*. University of Alberta Press.
- Peruzzo, C. M. (2005). Media regional e local: Aspetos conceptuais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, (43), 67–84.
- Pickard, V. (2020). *Democracy without journalism? Confronting the misinformation society*. Oxford University Press.
- Pinhal, J. (2025, 23 de maio). In Portugal, journalists are 'the armed wing of Chega's narrative'. Voxeurop. https://voxeurop.eu/en/portugal-far-right-chega-journalism/?fbclid=IwY2xjawKepE1leHRuA2FlbQIxMABicmlkETBXYTVoUjNYTjBXcVROMTFZAR4EcODrYnLY6aFVgSKlQWvZdqVzwJ3dz5AfolZ8WRYRduty3BgCp5kBEowFSg_aem_rUAduTDds-l4C8vBNRquSw
- Pinho, J. (2021). *O Despertar: Um século de história 1917-2017*. Câmara Municipal de Coimbra.
- Powers, M., Zambrano, S. V., & Baisnée, O. (2015). The news crisis compared: The impact of the journalism crisis on local news ecosystems in Toulouse (France) and Seattle (US). In R. K. Nielsen (Ed.), *Local journalism: The decline of newspapers and the rise of digital media* (pp. 31–50). I.B. Tauris.
- Presidente da Associação de Imprensa: É urgente resolver problema da distribuição de jornais e revistas. (2022, 14 de novembro). *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/arquivo/diario-de-noticias/presidente-da-associacao-de-imprensa-e-urgente-resolver-problema-da-distribuicao-de-jornais-e-revistas-15350309.html>

- Quintanilha, T. L. (2021). A polivalência e o imediatismo enquanto indutores de descompetencialização no jornalismo. In J. N. Matos, F. Subtil, & C. Batista (Eds.), *Os três D dos media: Desigualdade, desprofissionalização e desinformação* (pp. 131–139). Outro Modo.
- Quintanilha, T. L., Paisana, M., & Cardoso, G. (2018). A imprensa regional portuguesa como pequeno bastião da imprensa tradicional no país. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais*, (50), 141–161.
- Ramos, G. (2021). Deserto de notícias: Panorama da crise do jornalismo regional em Portugal. *Estudos de Jornalismo*, (13), 30–51.
- Ramos, G. (2025). *Jornalismo de proximidade em rede*. Editora LabCom. <https://doi.org/10.25768/9229-30-3>
- Rego, R. (1969). A censura prévia administrativa. In *II Congresso Republicano de Aveiro: Teses e documentos* (pp. 163–184). Seara Nova.
- Rosa, R. R. (2022, 5 de maio). Aumento dos preços do papel eleva os custos de produção dos jornais para o dobro. *Expresso*. <https://expresso.pt/economia/2022-05-05-Aumento-dos-precos-do-papel-eleva-os-custos-de-producao-dos-jornais-para-o-dobro-8a4dded7>
- Ross, K. (2014). Women in media industries in Europe: What's wrong with this picture? *Feminist Media Studies*, 14(2), 326–330. <https://doi.org/10.1080/14680777.2014.909139>
- Savioli, M. (1986). *Considerações sobre a elaboração e a comunicação do conhecimento científico* [Material didático não publicado].
- Silveirinha, M. J. (2012). As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: Contributos para uma não-ossificação da história do jornalismo. *Comunicação e Sociedade*, 21, 165–182. [https://doi.org/10.17231/comsoc.21\(2012\).707](https://doi.org/10.17231/comsoc.21(2012).707)
- Silveirinha, M. J., Lobo, P., & Simões, R. B. (2023). Observing gender in the newsroom: Insights from an ethnographic study. *Feminist Media Studies*, 24(3), 480–496. <https://doi.org/10.1080/14680777.2023.2200581>
- Silveirinha, M. J., & Simões, R. B. (2016). As mulheres tentam compensar. O verbo ‘compensar’ é terrível, não é? Género e jornalismo em tempos de mudança. *ex aequo*, (33), 31–47. <https://doi.org/10.22355/exaequo.2016.33.03>
- Simões, R. B. (2021). Do trauma pessoal ao silenciamento público: Implicações do assédio a mulheres jornalistas nos comentários online. In J. C. Correia & I. Amaral (Eds.), *De que falamos quando dizemos “jornalismo”?* *Temas emergentes de pesquisa* (pp. 129–148). LabCom.
- Simões, R. B., Amaral, I., Silveirinha, M. J., & Alcantara, J. (2021). *Global Media Monitoring Project Portugal 2020: Relatório nacional*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; WACC. <https://whomakesthenews.org/wp-content/uploads/2021/07/Portugal-GMMP-2020.pdf>
- Singh, P., Kumar, G., Singh, H., & Bansal, A. (2023). The future of regional journalism: Examining the consequences of newsroom shrinking in Jammu and Kashmir and Punjab. *Educational Administration: Theory and Practice*, 29(4), 1073–1078. <https://doi.org/10.53555/kuey.v29i4.6032>
- Soares, J. (2017). O Dever. *Os dez primeiros anos (1917-1926)*. Companhia das Ilhas.
- Subtil, F. (2009). *Anotações sobre o processo de feminização da profissão de jornalista na década de 1990*. In J. L. Garcia (Ed.), *Estudos sobre os jornalistas portugueses: Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do século XXI* (pp. 93–108). Imprensa de Ciências Sociais.
- Torre, D., Silva, M. T., & Santos, S. (2023). *Desafios contemporâneos da imprensa regional em Portugal*. Edições Universitárias Lusófonas.

Vaquinhas, I. (2005). As mulheres na imprensa regional. O caso de *A Comarca de Arganil* (1901-1980). In *A Comarca de Arganil. 100 anos da memória de um jornal* (pp. 65–96). A Comarca de Arganil.

Ventresca, M. J., & Mohr, J. W. (2002). Archival research methods. In J. A. Baum (Ed.), *The Blackwell companion to organizations* (pp. 805–828). Blackwell Publishers.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Liliana Carona é jornalista e professora adjunta convidada na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto da Guarda e na Escola Superior de Educação de Viseu. É licenciada em Jornalismo, com pós-graduação em Imprensa Regional, mestre em Comunicação e Jornalismo, com doutoramento em Ciências da Comunicação, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e com o título de especialista em Jornalismo e Reportagem. Está no grupo R/COM (Renascença) há 15 anos, enquanto jornalista correspondente na região interior Centro. Investiga na área dos estudos feministas. É ainda formadora certificada pelo Sindicato dos Jornalistas e o Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas, no âmbito da literacia mediática. É também diretora do jornal centenário e Prémio Gazeta 2018, o *Notícias de Gouveia* (desde 2015) e cronista no jornal *Público*, com o espaço na secção “Ímpar”, denominado “Do Interior com Amor”.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4690-0250>

Email: lilianacarona@ipg.pt

Morada: Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto - Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro, 50, 6300-559 - Guarda

Rita Basílio de Simões é professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação. Doutorada em Ciências da Comunicação, o seu trabalho tem cruzado a investigação do jornalismo e dos média digitais e os estudos feministas em comunicação. É investigadora integrada no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Coordena, desde 2019, o Grupo de Trabalho em Género e Sexualidades da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e a participação portuguesa no *Global Media Monitoring Project*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6356-6042>

Email: rbasilio@fl.uc.pt

Morada: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Largo da Porta Férrea, 3000-370 Coimbra, Portugal

Submetido: 24/03/2025 | Aceite: 19/09/2025



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.